

A CLÍNICA PSICANALÍTICA EM INTERLOCUÇÃO COM O CONTEXTO ESCOLAR

Carina Ferreira dos Santos
Edna Linhares Garcia

RESUMO

A temática da clínica psicanalítica em interlocução com o contexto escolar permanece convocando os psicoterapeutas para socializar suas experiências e conhecimentos produzidos neste âmbito, tendo em vista o contexto e a necessidade de realizarmos uma clínica cada vez mais ampliada. Ao falar sobre educação na cultura contemporânea, é pertinente levar em conta as transformações ocorridas nos contextos familiares. O presente artigo busca refletir sobre esta interlocução, a partir do lugar de estagiária de psicologia, iniciante no exercício de psicoterapeuta num Serviço-Escola de uma Universidade Comunitária do Rio Grande do Sul. No presente estudo, lançamos mão de considerações da psicanalista Arminda Aberastury sobre o atendimento com crianças e o necessário uso de instrumentos lúdicos. Com intuito de apresentar uma reflexão sobre a experiência na clínica psicanalítica e o diálogo com as escolas, é relevante pensar sobre os instrumentos que esta abordagem dispõe, com objetivo de compreender sua importância nos atendimentos com crianças na contemporaneidade. Do mesmo modo, alcançamos psicanalistas contemporâneos com intuito de refletir sobre o lugar que as figuras maternas e paternas ocupam na estruturação psíquica das crianças, e de como se evidencia efeitos do meio psíquico-familiar no contexto escolar. Desta maneira, torna-se relevante questionar se a figura materna e paterna mantém consciente sua função. A escuta psicanalítica empregada neste estudo possibilitou a análise de dois casos clínicos, cujos fragmentos serão aqui apresentados para ilustrar reflexões sustentadas num recorte de autores que alicerçam suas teorias no método psicanalítico. Constatamos que o contexto escolar questiona a ausência das figuras maternas e paternas no desenvolvimento das crianças. O método psicanalítico propõe uma atividade clínica que se apropria da realidade infantil, contemplando o contexto familiar e escolar. Assim, concluímos que urge a necessidade de escutar e compreender a singularidade das demandas dos contextos escolares num tempo quase simultâneo em que escutamos e compreendemos as demandas do sujeito e do seu ambiente psíquico familiar. Tornou-se fundamental salientar não só sobre as figuras marcantes no processo de constituição psíquica das crianças, como também as condutas expressadas no ambiente escolar e o fortalecimento dos vínculos maternos e paternos, conservando-os de forma íntegra para o bom desenvolvimento psíquico das crianças.

Palavras-chave: Escuta. Psicanálise. Escolas. Clínica.

INTRODUÇÃO

Freud (1901-1905) já demonstrava em seus estudos a necessidade de formular observações acerca dos sintomas presentes em seus pacientes, bem como o dever do médico com este sujeito, com a ciência e o cuidado com o sigilo do tratamento. A partir da contribuição de Freud que aponta a reflexão de casos clínicos na ciência, a utilização de ilustrações se faz necessária, como fonte de aprendizado no cotidiano de uma prática clínica proporcionada pelo Estágio Integrado em Psicologia no Serviço-Escola de uma Universidade Comunitária.

A experiência clínica tem ampliado nossos entendimentos sobre a abordagem psicanalítica devido à variedade de casos clínicos que a atividade acadêmica possibilita ao jovem estudante. Nestes casos, o cenário familiar e escolar manifestado pelas crianças durante os atendimentos têm se mostrado intrinsecamente implicado nos conflitos psíquicos e em seus efeitos, necessitando de compreensão e interpretação por parte do psicoterapeuta. Dessa forma, a relevância do presente estudo consiste na socialização de um modo de compreender este diálogo entre a clínica psicanalítica e as escolas, como também a compreensão da função materna e paterna no desenvolvimentopsíquico das crianças, considerando suas relações escolares. A reflexão sobre o método psicanalítico é ilustrada com algumas descrições de atendimentos psicológicos supervisionados institucionalmente.

A partir disso, será descrito sobre a contribuição do método psicanalítico e dos instrumentos lúdicos utilizados com crianças nos atendimentos psicoterápicos. Ao refletir sobre esta questão do brincar nas sessões de psicoterapia no Serviço-Escola, considera-se significativo compreender o desenvolvimento psíquico destas crianças, que será relatado na sequência do estudo. Diante disso, a escuta clínica nos ambientes escolares se faz necessária ao considerar que o trabalho do psicoterapeuta pode se ampliar nesse processo de compreensão da realidade infantil, que também se instala no âmbito escolar. O leitor encontrará neste estudo uma articulação entre as reflexões advindas dessas práticas na clínica.

METODOLOGIA

O presente estudo se constituiu durante a prática de Estágio Integrado em Psicologia no Serviço-Escola de uma Universidade Comunitária. Diante do desejo de escutar e compreender dois casos clínicos infantis e sua realidade escolar, se torna importante explorar a bibliografia psicanalítica, com ênfase nas contribuições acerca do desenvolvimento das crianças e o lugar que a função materna e paterna ocupa na constituição psíquica das mesmas. As ilustrações advêm de dois casos clínicos, uma menina e um menino de idade inferior a dez anos.

O estudo tem como base o método da escuta psicanalítica que implica a liberdade do sujeito de se expressar e a compreensão dos desejos singulares que sustentam as demandas, bem como a necessidade de serem escutados pelo psicoterapeuta. A escuta psicanalítica realizada buscou alcançar um entendimento sobre a singularidade de cada sujeito, de cada fala que se encontrou atravessada pelo inconsciente. Neste seguimento, a escuta se estende aos âmbitos escolares, com objetivo de compreender a relação dos profissionais na área da educação com as crianças.

Segundo Martins (2003) a escuta clínica é uma ferramenta utilizada pelo psicólogo

com a finalidade de construir ambientes que possibilitem conhecimentos sobre si mesmo, e, por exemplo, sobre as relações e à escola. Da mesma forma, nas instituições de ensino, a escuta se desenvolve no cotidiano escolar e nas formas que as relações se estruturam, com intuito de compreender o contexto escolar.

Para a efetivação do estudo, foi solicitado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo responsável de cada criança. O TCLE é considerado o documento que autoriza a utilização de dados, produzidos na prática clínica, para fins científicos, garantindo a não identificação do paciente.

Psicanálise e o atendimento com crianças: antecedentes que iluminam o percurso de uma aprendiz psicoterapeuta

Com intuito de refletir sobre a experiência na clínica psicanalítica e o diálogo com as escolas, é relevante pensar sobre os instrumentos que esta abordagem dispõe, com objetivo de compreender sua importância nos atendimentos com crianças na contemporaneidade. Desse modo, se faz necessário destacar a psicanalista argentina Arminda Aberastury, que é por excelência uma referência, tendo em vista sua trajetória no campo da análise infantil.

Arminda Aberastury (1992) ressalta a importância dos instrumentos lúdicos nos atendimentos, que permitem às crianças a possibilidade de repetir situações que foram prazerosas e dolorosas. Dessa forma, a utilização do brincar torna-se significativa para o tratamento psicanalítico. Anteriormente, o interesse por este recurso foi sinalizado por Sigmund Freud, que observou e interpretou o brincar de um paciente com dezoito meses de vida. Freud percebeu que durante a repetição das brincadeiras, a criança podia deslocar para o exterior suas angústias e medos, como também era capaz de permitir na atividade lúdica, papéis e situações que são proibidas interna e externamente. (FREUD, 1917-1920).

Torna-se compreensível que o brincar exerce o papel de facilitador no processo de reconstruir o passado da criança, tendo em vista que este pode facilitar a expressão de seus conflitos passados e presentes. Ao perceber que na atividade lúdica a criança pode demonstrar sua fantasia inconsciente, Aberastury (1992) acredita que neste momento pode-se criar expectativas relacionadas à figura materna e paterna desde a tenra infância. No que se refere as expectativas criadas pelos pais, Garcia (2002) aponta em seu estudo, referindo a psicanalista Piera Aulagnier (1975), a existência da intensa e violenta idealização que os pais têm sobre os filhos, desconsiderando sua singularidade, isto é, um cuidado que pode se apresentar de forma fragmentada e violenta.

Aberastury (1992, p. 19) acredita que ao aproximar-se do pai, a criança pode desenvolver uma identificação, que se torna de extrema importância para a menina e o menino, “porque a condição bissexual do ser humano exige a existência do pai e mãe,

para que se alcance um desenvolvimento harmônico da personalidade”. No entanto, ao problematizar a questão da identificação com a família tradicional que a psicanalista Aberastury retratou, torna-se importante ressaltar que a família da atualidade guarda profundas diferenças daquela de referência da autora. Ao refletir sobre as novas configurações familiares, a qual se encontra um genitor responsável pela criação dos filhos, Vitorello (2011, p. 11) acrescenta que uma única referência pode garantir o desenvolvimento dos mesmos, sendo que “há famílias monoparentaisas quais a mãe vive sozinha com os filhos e as funções estão instaladas, via desejo materno”.

Segundo Vitorello (2011), a compreensão da estruturação psíquica das crianças refere-se às formas que são construídas as funções maternas e paternas no cotidiano das famílias contemporâneas. Dessa forma, a boa formação psíquica de uma criança não está atrelada à presença de ambos os genitores, mas sim à necessidade do efetivo exercício da função deles. Aberastury (1992) acredita que existe relações em que é possível encontrar, como consequência, a presença de carência entre o laço afetivo da criança com a figura paterna. A partir disso, a autora complementa que a figura paterna precisa estabelecer uma relação com o filho na qual ocorra uma comunicação adequada, que este exerça o lugar da paternidade, tornando-se responsável em sua função. Ao pensar sobre este desempenho, Aberastury (1992) ressalta que:

Um pai que pode dar banho no filho, dar-lhe a comida, brincar com ele, sair com ele, é importante. Mais importante ainda é o papel que desempenha, fortalecendo sua união com a mãe e oferecendo ao filho o casal como fonte de identificação. (ABERASTURY, 1992, p. 32).

É importante destacar novamente que a psicanalista acima se refere ao modelo tradicional de família, sendo, portanto, fundamental contextualizar e ampliar o conceito de família, entendendo-o como um conceito construído historicamente. Sendo assim, é importante pôr em pauta os diversos arranjos familiares que podem ser facilitadores no processo de estruturação psíquica das crianças. Fonseca (2015, p. 20) acredita que “tais arranjos podem garantir que a função do pai e da mãe sejam desempenhados satisfatoriamente por alguém substituto”.

Ao longo do processo psicoterápico de dois jovens, num viés psicanalítico, em que se escuta as demandas dos professores e orientadores das escolas, tornou-se mais evidente e mais facilmente perceptível a singularidade de cada paciente, de cada família, de cada instituição, como também a forma com que as relações se estabeleceram ao passar do tempo, de modo que qualquer tentativa de responder as demandas de forma generalizada implica em sérios equívocos.

Tom e Rosa: passagens de dois casos clínicos

Para complementar as reflexões torna-se necessário, a seguir, a descrição de dois casos clínicos, a história de Tom e Rosa, pois em muitas características se assemelham, mas exigem respostas e tratos diferentes com relação as suas demandas, tornando-se importantes para o presente estudo. É fundamental ponderar o motivo dos encaminhamentos, isto é, a forma que estes pacientes chegam ao Serviço-Escola. Também é válido relatar a relação dos pais entre si e a relação com cada um dos filhos. Sendo assim, a descrição dos casos será identificada por caso clínico de Tom e Rosa, considerando que são nomes fictícios para proteger o anonimato das crianças.

Tom tem oito anos de idade e, atualmente, se encontra matriculado numa escola da rede municipal. O motivo da procura pelo Serviço-Escola refere-se a presença de comportamentos inaceitáveis pela genitora, considerando que o menino se deparou com algumas mudanças em sua vida, sendo estas a mudança de escola e de cidade. O paciente foi encaminhado para psicoterapia individual a partir de sua participação em grupo de acolhimento correspondente a sua faixa etária. O relacionamento de seus pais é distante, devido ao término da relação conjugal. A figura materna estimula a presença do filho nos atendimentos, porém, a mesma se faz ausente em alguns momentos, mostrando-se fragilizada pelos objetivos profissionais não alcançados. Tom expressa a ausência do pai de modo que procede supor que a função paterna parece ter sido insuficiente.

Através da escuta clínica pode-se constatar o interesse de Tom pelo jogo de cartas com ilustrações de animais. Segue abaixo a descrição da sessão:

Por escolha do menino, iniciamos o atendimento com o jogo Super Trunfo, que é composto por cartas com figuras de cães de raça. O paciente frisou várias vezes sobre sua capacidade de ganhar no jogo. (Caso Tom).

Aberastury (1992) acredita que as brincadeiras com bonecas e animais podem corresponder as necessidades das crianças em relação à função materna e paterna. Ao que tudo indica, Tom tem muita admiração pelos animais, o que se evidenciou nos jogos das cartas. Sendo assim, a contribuição da autora se torna significativa para o entendimento do caso.

Durante os atendimentos, vale observar os jogos e a construção dos desenhos com o tema da família, em especial. Para a psicanalista Aberastury (1992, p. 62), no momento em que “uma criança desenha o seu corpo, ou o dos pais, irmãos ou avós, já consegue fazer uma imagem total do corpo”. Neste seguimento, as diferenças presentes nos desenhos das crianças podem surgir no período da puberdade, além da análise dos desenhos dos meninos, que retratam no papel personagens com revólveres e metralhadoras. (ABERASTURY, 1992). No entanto, os meninos fazem uso destes personagens porque está

enraizado na nossa cultura a oferta destes brinquedos pelo comércio. Segue abaixo uma ilustração da queixa da mãe de Tom:

A mãe de Tom se queixa de que o filho joga em casa jogos com armas e lutas. Esta destaca uma atitude em que o filho sinaliza uma arma com as mãos. (Caso Tom).

Nestas ilustrações, percebo a importância das representações que emergem com os instrumentos lúdicos. Durante os atendimentos, se explicitou a queixa da figura materna, bem como sua fragilidade com a ausência de conquistas profissionais. Neste caso tornou-se significativo um contexto em que a figura paterna não se faz presente. Em seguida, descrevo a história de Rosa.

Rosa tem nove anos de idade e estuda no 3º ano do ensino fundamental. A menina chegou ao Serviço-Escola pelo grupo de acolhimento, sendo uma atividade que o serviço propõe a comunidade. Conforme sua mãe, o motivo da procura se refere ao ritmo lento na realização das atividades escolares, como também a figura paterna se apresenta distante no cotidiano da menina. Em relação ao relacionamento dos pais, a figura materna demonstrou distanciamento afetivo com o pai de Rosa.

Neste contexto, a continuidade dos atendimentos se dá por meio de brincadeiras escolhidas pela paciente. Segundo Aberastury (1992), a criança pode sinalizar boa estrutura psíquica ao desenvolver atividades lúdicas com sua imaginação durante as brincadeiras. Vale ilustrar o primeiro contato de Rosa com o quadro de giz:

Ao examinar o apagador de quadro em cima da mesa, a paciente escolhe desenhar no quadro de giz. Seguimos até o término do atendimento criando desenhos. A mesma desenha seu nome dentro de um coração, no contorno do coração desenha diamantes. Informa que gosta de colorir e desenhar enfeites. (Caso Rosa).

É possível perceber nos atendimentos o quanto é atrativo para a jovem a utilização do quadro de giz, sendo um momento em que esta pôde desenhar com facilidade sua família e figuras que aprecia. A seguir a ilustração da sessão em que Rosa desenha sua família:

Rosa desenha a mãe, em seguida, desenha o "pai". A paciente coloca que não quer desenhar o pai biológico, mas que deseja desenhar o padrasto. Questiono sobre a figura paterna presente em sua vida atualmente. Rosa ressalta que este não é seu pai, mas que quer desenhar ele. Rosa segue desenhando o padrasto ao lado da mãe, e acrescenta que não vê o pai há semanas. (Caso Rosa).

Nesse contexto, pôde se observar o apreço de Rosa pelo companheiro da mãe. Em relação a saúde psíquicas das crianças, a questão que se coloca é sobre como se dá a função materna e paterna nesses casos, ou, o que estes dois casos possibilitam refletir sobre essas funções.

A função materna e paterna: evidências de uma escuta psicanalítica

Dolto (2008) acredita que os filhos precisam da presença ativa dos pais, bem como estes precisam corresponder às demandas que os filhos trazem em determinadas situações. Sendo assim, se torna essencial refletir sobre a função materna e paterna exercida com as crianças. Folberg e Maggi (2002) se baseiam em Freud e Lacan para fundamentar seus escritos que pontuam a função materna como fundamental no processo de constituição psíquica das crianças. Também acreditam que a imersão destas na cultura depende do desempenho da mãe, que ocupa um lugar de escuta aos sinais apresentados pelo filho, “mapeando o corpo com o toque e intermediando-o com o mundo”. (FOLBERG; MAGGI, 2002, p. 92).

Lopes e Bernardino (2011) apontam que as funções maternas e paternas integram a criança numa relação triangular no contexto familiar, sendo nesta estruturação o espaço em que a capacidade de simbolização do sujeito se desenvolverá. Nos casos estudados, a escuta clínica constatou a fragilidade da figura paterna no desenvolvimento psíquico das crianças, o que pode sensibilizar a relação familiar. Contudo, é importante destacar que a falta da figura paterna não, necessariamente, implica na ausência da função paterna.

Dessa forma, Borges (2005) salienta que a teoria psicanalítica pode explicar estas funções de maneira cuidadosa, considerando-as para além do desempenho de ser pai e mãe. A autora destaca, em sua dissertação, psicanalistas desde Sigmund Freud (1989), Melanie Klein (1982) e Donald Winnicott (1982) que compreendem a função materna e paterna como importantes para a sobrevivência física e psíquica das crianças. Também defende que estas funções percorrem um caminho conjunto, contribuindo para o desenvolvimento humano das mesmas. (BORGES, 2005).

Nesta perspectiva, considera-se importante ressaltar alguns questionamentos que surgiram ao longo da análise dos casos clínicos. A experiência clínica adquirida durante os atendimentos no Serviço-Escola possibilita reflexões referentes ao declínio da função paterna na estruturação psíquica dos filhos. Nesses casos, é válido questionar se a figura materna mantém consciente sua função, tendo em vista a importância de seu desempenho e a ausência paterna. Vale realçar o primeiro contato realizado com a mãe de Tom, conforme a descrição abaixo:

A mãe de Tom acredita que o divórcio reflete no filho de forma inaceitável, sente-se culpada por o filho não se adequar à escola. Queixa-se da ausência de conquistas profissionais, tendo em vista sua idade e sua responsabilidade com o filho. (Caso Tom).

É possível o surgimento de um efeito com relação a ausência da figura paterna, que ocasiona desequilíbrio no relacionamento de Tom com sua mãe. Diante da queixa do menino sobre a ausência do pai em sua vida, é ponderável que o distanciamento deste

ocasionou a fragilidade da mãe, tendo em vista o desequilíbrio que marcou a relação mãe-filho. Ao refletirem sobre o declínio da função paterna, Folberg e Maggi (2002) ressaltam em seu estudo que o simbolismo está presente na relação entre o sujeito e a mãe desde o nascimento. Para a diferenciação de ambos, é preciso a presença de um terceiro que posicione um limite. Neste caso, a relação distante de Tom com seu genitor pode se apresentar declinada, diante do afastamento com a referência paterna.

Dessa forma, se torna relevante a diferenciação de papéis e o fortalecimento dos vínculos maternos e paternos, conservando-os de forma íntegra para o bom desenvolvimento psíquico das crianças. Para Sanches (2010) a fragilidade das figuras de referência das crianças e a ausência de valorização possibilita à criança se refugiar nas figuras de super-heróis, o que a impossibilita de viver seus próprios limites e capacidades. Vale acrescentar que a implicação com o desenvolvimento psíquico das crianças importa a instituição escolar, que também faz parte dessa dinâmica.

Tanto Tom quanto Rosa apresentam intensas demandas referentes às funções maternas e paternas, funções que a teoria psicanalítica considera central no desenvolvimento psíquico das crianças. Na escuta clínica se evidenciou que estas funções se mostraram insuficientes nos casos estudados, o que ocasionou o comprometimento e a demanda da instituição escolar.

A psicanálise e a educação: uma interlocução indispensável

Os estudos que contribuíram para o surgimento da teoria psicanalítica possibilitam a produção de conhecimento na área da Educação nos dias atuais, como uma abordagem que atua na compreensão do desenvolvimento humano e do funcionamento do aparelho psíquico. (FRANCO; ALBUQUERQUE, 2010).

Para Franco e Albuquerque (2010) a forma como a psicanálise entende o funcionamento psíquico dos indivíduos contribui para a transformação destes. Sendo assim, os autores informam que esta teoria interfere somente de forma indireta na educação escolar. Ao refletir sobre estas questões, vale acrescentar que “os aspectos transferenciais ou contra-transferenciais também vão estar ativos na relação interpessoal estabelecida pelo professor na situação educativa”. (FRANCO; ALBUQUERQUE, 2010, p. 193). Dessa forma, percebe-se que a maneira com que as relações se estabelecem é significativa para o processo educativo.

Os autores acima mencionados se referem às atitudes transferenciais desempenhadas pelos educadores nos ambientes acadêmicos. A ligação entre a teoria psicanalítica e as práticas da área escolar diz respeito à capacidade do professor estudar e reconhecer seu próprio envolvimento com as crianças no ambiente escolar. A consciência do educador no sentido de se sentir comprometido com o desenvolvimento das crianças é

fundamental para as situações transferenciais, com objetivo de que aquele consiga manejar a transferência e a contratransferência. (FRANCO; ALBUQUERQUE, 2010).

A contribuição que Cerqueira (2012) traz em seu estudo se potencializa na implicação da teoria psicanalítica com as práticas de ensino. A autora descreve que:

A Psicanálise “aplicada” à Educação, portanto, pode trazer ao educador uma possibilidade de lidar com as diferenciadas situações que ocorrem em sala de aula, “mostra” ao professor que ele é um ser faltante, que educar é da dimensão do impossível, pois, essa impossibilidade encontra-se, justamente, na imprecisão e na falta de garantia da eficácia e aquisição, por parte das crianças, do que lhes é “transferido”, ensinado. Assim, o educador pode repensar sua prática educativa e rever sua relação com seus alunos, pode, a partir de conhecimentos psicanalíticos, perceber que não tem como controlar um aluno, muito menos uma turma, uma vez que não tem domínio nem de si próprio, não tem em mãos o governo de sua vida, de suas próprias forças, de suas manifestações inconscientes. (CERQUEIRA, 2012, p. 28).

A autora citada acima reforça o pensamento que Franco e Albuquerque (2010) defendiam sobre os princípios desenvolvidos por Freud, que alertavam sobre a presença da relação transferencial na prática pedagógica. É importante destacar que esta relação não pode se desfazer, mas “reconhecê-la é reconhecer a existência de processos psíquicos inconscientes e de leis que governam o nosso funcionamento mental”. (FRANCO; ALBUQUERQUE, 2010, p. 192). Diante disso, os autores acrescentam que a psicanálise e a educação não sustentam de forma extensa o conceito de aprendizagem humana que Freud considerava bastante complexo. Franco e Albuquerque (2010) descrevem que:

[...] o *transfert* é um fenômeno que se coloca no âmago da própria atividade educativa. Põe-se, a este nível, o problema relativo à sedução do aluno, à aliança narcísica professor-aluno e ao *transfert* erótico sobre o professor. (FRANCO; ALBUQUERQUE, 2010, p.192).

A teoria psicanalítica auxilia o profissional a conduzir esta relação transferencial, com ações educativas que possam ser refletidas, tendo como objetivo a renúncia da libido instalada. (FRANCO; ALBUQUERQUE, 2010). Freud (1913-1914) defende em sua obra a ideia de que o educador precisa ser sujeito ativo na vida psíquica das crianças, que se torna necessário conhecer e entender a realidade infantil para exercer a função de educador.

A partir da implicação dos educadores no processo de aprendizagem, se percebe a relevância das escolas na construção e desenvolvimento das crianças, bem como o comprometimento que demonstram ter para com estas. Vale destacar que os casos clínicos apresentados neste estudo se tornam semelhantes devido ao que diz respeito à ausência da referência paterna. A escuta realizada com cada uma das crianças permitiu constatar um contexto onde a função paterna se exerceu de modo rudimentar, onde a figura paterna esteve ausente ou presente de forma fragilizada. Dessa forma, a necessidade de escutar as escolas se intensificou, sendo que estas nomearam as conflitivas presentes nas dinâmicas

das crianças.

A clínica psicanalítica em interlocução com as escolas

No seguimento desta reflexão, ressalta-se o trabalho desenvolvido pelos psicanalistas nas escolas da rede municipal, que apresentam relatos de professores os quais apontam a importância do contexto familiar nos ambientes acadêmicos. Além disso, os autores destacam que este contexto seria o responsável pelas conflituosas que surgem nas escolas. As educadoras acreditam que a “família está cada vez com menos compromisso, e a escola assumindo tudo”. (COHEN et al., 2001, p. 18).

Nestes relatos, os autores encontraram profissionais que se apresentavam acostumados com as problemáticas instaladas na escola e insatisfeitos com o ambiente familiar das crianças, que apresentavam desequilíbrios constantes. A queixa de uma professora se refere às famílias carentes que “não têm a figura de mãe, é a avó geralmente que cuida, e do pai normalmente nada se sabe”. (COHEN et al., 2001, p. 20).

Ainda, Françoise Dolto (2008) explica sobre as diferentes experiências que cada indivíduo enfrenta, bem como as diversas dificuldades que eles passam durante o seu desenvolvimento. Diante dos obstáculos que as crianças podem enfrentar, a psicanalista acrescenta sobre o começo do ano letivo, que significa um período de descobertas. Para compreender as dificuldades apresentadas pelas crianças nos atendimentos, se fez necessário buscar as instituições escolares destes. Segue abaixo o relato do encontro com a coordenação da escola de Tom:

Ao visitar a escola de Tom para conhecer sua dinâmica, tive a oportunidade de conversar com a diretora da escola. Dessa forma, a profissional revela que Tom é um menino agitado, expansivo e que, no dia anterior, tinha se envolvido numa brincadeira que acabou tendo consequências negativas, sendo preciso direcionar o estudante para uma sala com objetivo de acalmá-lo. A mesma refere-se que Tom chorava e gritava desesperadamente, que foi preciso tranquilizá-lo. Nesse tempo, a diretora tentou entrar em contato com a mãe do menino, mas esta não atendia ao telefone. A mesma acrescenta que a mãe de Tom costuma se atrasar para buscar o filho na escola. (Caso Tom).

Com efeito, percebe-se que a queixa da profissional apontou a fragilidade da figura materna e da falta de comprometimento com a educação do menino. Diante disso, é possível acrescentar lançando mão do estudo de Cohen e psicanalistas (2001) que entrevistaram um professor que questionou sobre o papel das escolas na educação das crianças, afirmando que “a escola não consegue dar conta é de suprir as funções da família”. (COHEN et al., 2001, p. 21).

Ao falar sobre educação na cultura contemporânea, levando-se em conta a conquista da mulher no mercado de trabalho, é relevante pensar sobre as transformações ocorridas

nos contextos familiares. Desse modo, a ocupação feminina na sociedade direcionou o lugar do homem - provedor e seguro de sua função - para um lugar que não é claramente definido, gerando insegurança para o gênero masculino. Os comportamentos das crianças também têm se modificado, considerando o não esclarecimento de limites e a demarcação, por exemplo, entre proibido e permitido. (SANCHES, 2010).

Ao refletir sobre a implicação das escolas no crescimento das crianças, nota-se que estas são, muitas vezes, convocadas a assumir uma função que os pais não conseguem desempenhar. Neste processo educativo, os ambientes escolares se tornam os responsáveis por visualizarem as conflitivas no desenvolvimento das crianças. Desta maneira, vale destacar o parecer pedagógico realizado pela escola de Rosa:

A aluna Rosa desempenha suas atividades em sala de aula de maneira satisfatória. Nas atividades que exigem compreensão da leitura e de ordens de exercícios, às vezes, necessita de auxílio, parecendo pedi-lo por insegurança. Nas observações gerais, a aluna demonstra perfeccionismo com sua letra, seu caderno, o que a faz, às vezes, atrasar-se nas atividades. Tem bom relacionamento com as colegas, preferindo algumas amigas, mas respeitando a todos. Cumpre regras sem dificuldade tanto em situações do cotidiano como em jogos. Não demonstra competição exagerada, aceitando perder com tranquilidade. (Caso Rosa).

A psicanalista Sanches (2010, p. 13) ressalta em sua obra que a fragilidade dos contextos familiares está relacionada ao desamparo, isto é, a “mãe não tem onde se apoiar para se sentir segura da justeza de sua exigência”. Diante da ausência da lei que deveria colocar limites, a insegurança pode se instalar nestes contextos, que se apresentam frágeis. A partir disso, a autora acredita que os filhos se tornam o objeto narcísico dos pais, que desconsideram as suas verdadeiras necessidades, devido às expectativas que estes atribuem aos filhos. (SANCHES, 2010).

Para Garcia (1998, p. 11) a educação é essencial para a estruturação psíquica dos jovens, tendo em vista que esta pode “modificar a relação do sujeito frente ao real”. Sendo assim, o estudo de Sanches (2010) direciona-se aos educadores, com objetivo de auxiliá-los na maneira de olhar para os estudantes, bem como compreender as dificuldades apresentadas pelas crianças na instituição escolar, com a finalidade na transformação pessoal. A autora complementa que a implicação dos educadores se refere a experiências que permitem descobrirem-se para desenvolver meios de superar suas dificuldades.

Sanches (2010) acredita que é preciso pensar em soluções complexas para o desenvolvimento das crianças nas instituições escolares, como também se torna significativo considerar os diversos contextos que envolvem a criança, sendo preciso escutar sua história, sua cultura, a especificidade das instituições e as relações. Dessa forma, também é necessário considerar o educador, que se movimenta de acordo com sua história e a instituição de que faz parte. É de extrema importância pontuar o valor que possui o

reconhecimento do educador sobre o lugar que as crianças ocupam na instituição. A criança precisa descobrir novos recursos, precisa sobreviver aos “nãos”, para poder lidar com as restrições que a vida lhe reserva. (SANCHES, 2010).

Ao refletir sobre a clínica psicanalítica e as escolas, Garcia (1998, p. 13) refere-se a duas palavras: desejo e entendimento, com intuito de reconstruir os entendimentos produzidos nas escolas, despertando “um desejo que leva à necessidade de uma decisão”. Para complementar, se torna importante o pensamento da psicanalista Kupfer (2007) que coloca o discurso como facilitador de laços sociais. A prática de educar se torna discursiva e “responsável pela imersão da criança na linguagem, tornando-a capaz por sua vez de produzir discurso, ou seja, de dirigir-se ao outro fazendo laço social”. (KUPFER, 2007, p. 35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo implicou diversas atividades na prática do Serviço-Escola. A fim de exemplificá-las, enfatiza-se primeiramente o entendimento sobre o uso de instrumentos lúdicos nos atendimentos, a ilustração de dois casos clínicos e da função materna e paterna exercidas por figuras de referência, na estruturação psíquica das crianças. Além disso, a escuta clínica abrangeu a realidade escolar destes casos, o que se tornou significativo para as reflexões sobre a interlocução entre psicanálise e educação.

Com efeito, se manteve visível a implicação dos profissionais da área da educação com a formação e a estruturação psíquica das crianças, considerando que estas estão numa fase do desenvolvimento humano em que se faz relevante o suporte afetivo. Verificou-se que a produtividade deste estudo foi de extrema importância para a prática clínica de Estágio Integrado em Psicologia no Serviço-Escola. Os entendimentos obtidos sobre a clínica psicanalítica na interpretação destes casos potencializaram os aprendizados, sendo possível adquirir conhecimentos na área da educação e no cotidiano do exercício escolar das crianças perante o ponto de vista do método psicanalítico.

A contribuição que Freud (1901-1905) deixou em seus escritos sobre a publicação de casos clínicos em sua prática se refere ao interesse de relatar, apesar do desconforto, a compreensão do funcionamento psíquico dos pacientes. Os casos clínicos, ilustrados neste estudo, possibilitam ao jovem psicoterapeuta compreensão a respeito da singularidade das funções maternas e paternas no contexto familiar e psíquico das crianças, bem como as fragilidades presentes nestes ambientes.

Também vale ressaltar a importância dos jogos nos atendimentos, sendo algo significativo que as crianças sinalizam a todo o momento. O método psicanalítico propõe uma atividade clínica que se apropria da realidade infantil, contemplando o contexto familiar e escolar. Tornou-se fundamental salientar não só sobre as figuras marcantes no processo

de constituição psíquica das crianças, como também as condutas expressadas no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY DE PICHÓN RIVIÈRE, Arminda. *A criança e seus jogos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p. 88.

BORGES, Maria Luiza Soares Ferreira. *Função materna e função paterna, suas vivências na atualidade*. 2005. 148 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17265>>. Acesso em: 29 maio 2017.

CERQUEIRA, Luana Chaves. *Manifestações do (in) consciente infantil, através do desenho e história de vida, no contexto escolar: uma possível interpretação psicanalítica*. 2012. 88 f. Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5019/1/2012_LuanaChavesdeCerqueira.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

COHEN, R. H. P. et al. O lugar do psicanalista na escola. *Estilos da Clínica*, São Paulo, vol. 6, n. 11, nov. 2001, p. 17-26. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282001000200003>. Acesso em: 29 maio 2017.

DOLTO, Françoise. *Quando os filhos precisam dos pais: respostas a consultas de pais com dificuldades na educação dos filhos*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 381.

FOLBERG, M. N.; MAGGI, N. R. Declínio da função paterna e dialética da simbolização. *Estilos da Clínica*, São Paulo, vol. 7, n. 13, 2002, p.92-99. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000200007>. Acesso em: 21 jun. 2017.

FONSECA, Luciana Renata Moreira. *Impasses na aprendizagem e inclusão escolar: estudos de caso sob a ótica da Psicanálise*. 2015. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-9VFH47>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

FRANCO, V.; ALBUQUERQUE, C. *Contributos da psicanálise para a educação e para a relação professor – aluno*. Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde do Instituto Politécnico de Viseu, 2010, p. 173-200. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium38/13.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

FREUD, Sigmund. (1901-1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 24, ed. 2, p. 12-115, 1987-1989.

_____ (1917-1919). História de uma neurose infantil e Outros trabalhos. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 5, 1969-1980.

_____ (1913-1914). O interesse científico da psicanálise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 13, 1913-1914.

GARCIA, Célio. Psicanálise e educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira (Org.). *A psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2. ed., 1998, p. 223.

GARCIA, Edna Linhares. Transgressão e violência nos destinos do "desejo de ter filho" na atualidade. *Estilos da Clínica*, São Paulo, vol. 7, n. 13, 2002, p. 108-115. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000200009>. Acesso em: 03 jul. 2017.

KUPFER, Maria Cristina. *Educação para o futuro: psicanálise e educação*. São Paulo: Escuta, 2007, p. 162.

LOPES, T. J. S.; BERNARDINO, L. M. F. O sujeito em constituição, o brincar e a problemática do desejo na modernidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, Fortaleza, mar. 2011, vol. 11, n. 1, p. 369-395. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000100014>. Acesso em: 29 maio 2017.

MARTINS, João Batista. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 2003, vol. 8, n. 2, p. 39-45. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722003000200005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 jun. 2017.

SANCHES, Renate Meyer. *Psicanálise e educação: questões do cotidiano*. São Paulo: Escuta, 2. ed., 2010, p. 90.

VITORELLO, Márcia Aparecida. Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato amor? *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 32, jun. 2011, p. 7-24. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000100002#nt7>. Acesso em: 03 jul. 2017.